

A NOÇÃO DE FELICIDADE EM HELVÉTIUS:

A VIRTUDE BEM COMPORTADA
Camila Sant'Ana Vieira Ferraz Milek¹

RESUMO: Por meio dos textos *Le Vrai sens du Système de la Nature, De l'Homme* e o poema *Le Bonheur*, delinearemos a definição de Helvétius para a noção de felicidade. Julgamos tal investigação relevante, pois, a felicidade é vista por Helvétius como o fim que cada um dos homens busca atingir e conseqüentemente, deve ser esta a finalidade de todas as nações. A felicidade é colocada nas obras de Helvétius como parte das atividades cotidianas com o objetivo de afastar o tédio, mas também pretende atingir concepções morais, já que a virtude é definida como o desejo da felicidade geral, levando à ligação entre felicidade e virtude. Por isso, compreender o papel da análise sobre o que constitui a felicidade auxilia um dos questionamentos principais a ser colocados à obra do autor, a saber, como é possível a ligação entre o alcance da felicidade no âmbito individual sem o detrimento da felicidade no âmbito geral.

PALAVRAS-CHAVE: Helvétius, felicidade, virtude.

¹ Mestranda em História da Filosofia Moderna pela Universidade Federal do Paraná. csvferraz@hotmail.com

ABSTRACT: With the support of the texts *Le Vrai sens du Système de la Nature*, *De l'Homme* and the poem *Le Bonheur*, we will outline the definition of Helvétius of the notion of happiness. We judge such a relevant investigation, because the happiness is seen by Helvétius as the end that each one of the man searches and consequently, the happiness of the individuals must be the finality of all the nations. The happiness in the works of Helvétius part of the daily activities aiming to avoid boredom, but it intends to reach the moral conceptions, since the virtue is defined as the wish of the general happiness, leading to the connection between happiness and virtue. Therefore, to understand the paper of the analysis on what constitutes the happiness helps one of the main questions to be put to the work of an author, to be known, the possibility of connection between the reach of happiness in the individual scope without the detriment of the happiness in the general scope.

KEY-WORDS: Helvétius, happiness, virtue.

O tema da felicidade tem sua importância destacada desde a antiguidade. Não é possível, porém, que coloquemos todas as noções de felicidade em um mesmo conjunto, pois, além da denominação de felicidade e a ideia de que é ela que o homem busca, pouco diferentes são as aparições que o termo têm em comum. Aristóteles já havia enfatizado a ideia de que os homens são feitos para buscar a felicidade, o que foi lido e fortemente considerado pelo autor que abordamos aqui, Helvétius². Em *Le Vrai Sens du système de la Nature*, ele nos diz: “Ó vós, diz a Natureza, de acordo com o impulso que eu vos dou tendem à felicidade em cada momento de sua vida, não resistam à minha lei soberana. Exercitem sua felicidade, desfrutem sem medo, sejam felizes” (1777a: 142). O clamor para que os homens busquem a felicidade a cada momento de suas vidas parte da natureza. Ela impulsiona os homens a este projeto aparentemente incessante.³

Tendo este pano de fundo em vista, voltemos a um ponto anterior no questionamento sobre a felicidade já no interior da obra de Helvétius. Seu primeiro trabalho como escritor não é o de um texto filosófico, mas sim de um poema inteiramente dedicado a ela, *A Felicidade*. O poema ressalta em que situação fica o homem às voltas desta destinação quase obrigatória – do homem em direção à felicidade – que se torna muito mais problemática do que feliz. Se desde a antiguidade se constata que é para a felicidade que o homem caminha, não se torna um grande empecilho o fato de não se conhecer o caminho e o que estará no fim dele

² Também podemos destacar a importância de um resgate do Epicurismo que aparece em algumas obras do Século XVII, a exemplo de Pierre Gassendi, e também na influência de Lucrecio. (HELVÉTIUS, 1777^a, canto V.)

³ A ideia de natureza, abordada de forma tão plural no século XVIII visa aqui enfatizar que este direcionamento à felicidade surge da busca pelo prazer físico em primeira instância. Ela também pode apontar para investigações de cunho estético, na imitação e na representação da natureza de diferentes formas (STAROBINSKI, 1994: 13-47), e também para toda a pluralidade vinda da ideia de natureza a partir da geografia, física, fisiologia, além da ligação entre o discurso sobre a natureza e a moralidade. A obra emblemática para a investigação sobre a natureza é de Jean Ehrard: *L'Idée de nature en France à l'aube des Lumières*, Paris, Flammarion, 1970.

especificamente? Se a palavra felicidade é tomada sempre como um fim, mas é destituída de algum conteúdo além desse, ou ao menos o conteúdo que a preenche é sempre tão variante, o homem se vê, como o personagem do poema *Le Bonheur* (1777a), em um mar tempestuoso sem saber para onde nadar:

Mergulhado em tédio, o homem, dizia eu um dia
Está condenado ao mal sem retorno?
Que ventos impetuosos, ó, poderosa Sabedoria!
A ilha da felicidade me afasta [evita] sem cessar?
Que armadilhas me ameaçam ao proteger suas margens!
Como todos os mortais, estou longe de suas costas,
Pelas correntes diversas das opiniões loucas,
[Que] São, no meio dos mares, navios sem bússolas.
Vem me servir de guia, Que posso eu sem ti!?
Eu busco a felicidade, que está longe de mim.
Tendo em mão apenas um fiapo de uma falsa esperança,
Eu erro nos caminhos de um imenso labirinto.
É nos prazeres, nos bens ou nas honras
Que o homem deve perseguir e encontrar a Felicidade?
Sabedoria, cabe a ti resolver minhas dúvidas.
(HELVÉTIUS, 1777b: Canto I. Tradução nossa.)

Tendo em vista esta passagem, vemos como acontece a problematização em torno da felicidade. Uma ilha pela qual todas as minhas tentativas são frustradas, é uma grande dificuldade para os homens encontrar a felicidade, mesmo que a busca seja incessante e que não seja propriamente uma escolha, já que estamos mergulhados em um mar de tédio. Tomemos então esta passagem e destaquemos ao menos três pontos: o homem errante ao buscar a ilha da felicidade não sabe que rumo tomar para encontrá-la, e neste mesmo mar existem correntes formadas das mais diversas opiniões (sem razão) que conduzem sem querer os navios despreparados sem bússolas.

Ou seja, ele não avista nenhum guia certo para que se encontre a ilha e existem diversas teorias que levam os homens a buscá-la de diferentes formas. Ele questiona, primeiramente, a sabedoria e pede que ela lhe sirva como guia. A pergunta é bem clara: devemos procurar a felicidade por qual dos caminhos: o dos prazeres, o da riqueza, ou o das honras? Há também um detalhe importante: O mar que obriga o navegante a buscar a ilha da felicidade como porto seguro é composto de tédio.

É interessante notar que, mesmo com a suposição de que todo homem busque a felicidade, há ali uma justificativa para esta busca: aparentemente, o homem caminha em direção à felicidade para livrar-se do tédio - reconhecido como um grande mal. Mesmo com esta constatação de que é o tédio que o homem procura evitar - e sempre sem deixar à vista que o tédio é a ausência de sensação, o que já

pode indicar um caminho, como veremos mais adiante -, a pergunta persiste: devo seguir os prazeres ou as virtudes honrosas para encontrar a felicidade? É à sabedoria que devemos perguntar.

O que então a sabedoria poderia lhe dizer? Devemos lembrar que, a sabedoria que Helvétius enaltece remete à ideia de uma natureza dotada de uma ordenação própria, e não de uma sabedoria humana. Isto, pois como um autor sensualista, Helvétius entendia que o princípio capaz de fazer com que o homem pense é a própria sensibilidade física, o que nos leva a uma anterioridade do contato do homem com o prazer ou o desprazer para que assim ele possa desenvolver suas faculdades, paixões e ações.⁴

Talvez, pudéssemos esperar que o autor pendesse aos prazeres da carne para o deleite da alma. Talvez, a fruição máxima que os luxos abrigam pudesse aproximar o homem da ilha que tanto procura. Mas não é o que vemos quando a própria sabedoria que consola, com aparência simples e leve, parece rir dos prazeres de uma corte. Se a via do prazer sensível fosse simples, por que ele questionaria a sabedoria e por que a questionaria sobre as honras? Há uma enorme possibilidade de variação entre prazer e dor, entre prazeres e entre dores, e o questionamento colocado no poema mostra que é preciso entender tal complexidade.

A sabedoria o leva aos lugares onde os homens têm buscado a felicidade dia após dia. O primeiro deles é o mais encantador, doce e prazeroso de todos os bosques. Rodeado de coroas de flores, de belas moças com bocas suaves entreabertas, a beleza da fruição tão almejada pela Aristocracia da época seria o caminho da felicidade? Este bosque é para muitos a morada da felicidade, e contém todos os possíveis prazeres da fruição sensível, o amor dos amantes, a beleza delicada, um louvor à natureza por sua harmonia e toda a variedade de deleites que nos proporciona os olhos, toque e o paladar. Passamos neste vale em que se passa de um prazer a outro e a felicidade, conquistada apenas de forma rápida, parece nos escapar entre os dedos e deixar-nos uma impressão de impossibilidade de saciedade.

Logo o cenário límpido e claro é tomado de escuras nuvens e a mais densa das sombras se instala, levando mesmo os prazeres fugidios para lugares inalcançáveis. É o tédio, que se instala impreterivelmente com o desgaste de cada fruição levada a cabo. O terreno do tédio descrito por Helvétius retorna e é mais abominável do que podemos imaginar. O tédio é reconhecido como um mal por si mesmo, pois coloca o homem em um estado apático de inatividade, e sem qualquer atividade o homem só pode se encontrar mal, pois se encontra sem nenhum estímulo, sem prazer de nenhum grau, e é nele que vislumbra a morte.

Esta gravidade decorre da concepção de que a natureza nos coloca em constante movimento e em constante busca do prazer. Além disso, esta constatação do tédio

⁴ Este ponto é prioritário na obra de Helvétius, mas em relação à felicidade o colocaremos apenas de forma pontual. O princípio de sensibilidade física é reconhecido como o que anima o homem e o que promove – a partir da recepção de estímulos – a possibilidade de memória, julgamento, etc. Nosso interesse ao mencionar este princípio é o de enfatizar que ele coloca o homem em movimento, e também que é ele a base da moral proposta por Helvétius (1989, seção II).

como um mal nos mostra que o homem é inativo em um primeiro momento quando se encontra no mar, e é empurrado para a atividade em busca da felicidade. Nesse sentido, o tédio torna-se ele próprio um desprazer por contrariar essa condição.

O cenário da fruição não pode trazer a verdadeira felicidade, pois são muito maiores os males que encontramos no intervalo entre uma rápida fruição e outra, que se desgastam e perdem a capacidade de nos dar prazer, e nos empurram para um abismo escuro de tédio.⁵ Então o simples prazer dos sentidos não é o caminho mais prazeroso nem ao menos o mais seguro para a felicidade, por conta deste descompasso, que ele traz consigo, em relação a uma fruição máxima em um instante, seguida de um imenso desolamento pela constatação do caráter fugaz desses prazeres.⁶

Em seguida, o homem procura na riqueza a possibilidade de encontrar a felicidade. Porém, de antemão a sabedoria alerta: ele conseguirá apenas um *fantasma da felicidade*, e não a felicidade mesma. Quando se busca adquirir riquezas, a ambição logo aparece. Ela é um monstro de olhos desvairados, consumido pela dor e escoltado pelos crimes. Ele teme, mas possui um fiapo de esperança, por isso, busca incessantemente mais do que lhe é necessário. Essa ambição, segundo Helvétius, leva às disputas desvairadas, às guerras para se possuir o que não se tem, e também leva o homem a cometer novos e diversos crimes, para garantia de sua fortuna. Não é à felicidade que ele caminha, mas sim ao ódio cego e à morte.

A sabedoria mostra o motivo pelo qual os homens buscam nas ambições, nas conquistas que não discriminam vícios de virtudes e derramam sangue com furor e glória no olhar: os ambiciosos sem escrúpulos são honrados ao oprimir a humanidade. As mais diversas honrarias que não deixam de trazer prazeres são entregues não aos virtuosos, mas aos ambiciosos. Então, conclui o homem em busca da felicidade, as honrarias da ambição nos dão menos prazeres ainda que os da volúpia dos sentidos, que ao menos rapidamente nos entretém e cessam algumas necessidades. Mas nenhum deles é o caminho ideal para a felicidade.

Até aqui, as fontes de prazer imediato não parecem nos aproximar da felicidade. Quando se tornam hábitos colocam o homem mais perigosamente próximo da morte pela inatividade. Pois então esta noção de hábito deve ser aprimorada para que não permaneça ligada apenas ao prazer imediato e para que preencha as lacunas que davam lugar ao tédio ou ao ódio. Mais à frente, no canto II, Helvétius reforça a ideia de que a riqueza não é felicidade, pois, desorientada, não pode trazê-la, tornando os homens mais suscetíveis aos perigos do luxo.

⁵ Esta temática é muito frutífera em relação à estética da época. Aqui, ela visa a validação de um terreno da felicidade e questiona na *era da sensibilidade* a fruição por ela mesma, o que critica todo o comportamento da corte francesa e todos os aparatos estéticos que servem apenas ao deleite rápido. A noção de prazer que Helvétius enfatiza, não exalta essa 'continuidade rápida de prazeres' (La Morlière, Angola) pela multiplicação das pessoas e dos acasos. Tão rápido em esgotar-se, em cansar-se, o desejo quer experimentar outros instantes em outros objetos, e os encontra; quer repetir-se diversificando-se, e se diversifica; pois a festa procura oferecer um máximo de variedade, um perpétuo triunfo, um simulacro do inesgotável (tendo no fundo a premonição do esgotamento e do tédio).” (STAROBINSKI, 1994: 100) Este tédio encoberto por uma cortina mantém à espreita o terror da solidão, da desilusão, e dos males do tempo.

⁶ O tédio traz muitas investigações interessantes neste período em que a sensibilidade é tão investigada e também utilizada. *A Invenção da Liberdade*, de Jean Starobinski nos mostra este cenário a ponto de nos sentirmos lá: “A festa realiza essa ‘continuidade rápida de prazeres’ (La Morlière, Angola) pela multiplicação das pessoas e dos acasos. Tão rápido em esgotar-se, em cansar-se, o desejo quer experimentar outros instantes em outros objetos, e os encontra; quer repetir-se diversificando-se, e se diversifica; pois a festa procura oferecer um máximo de variedade, um perpétuo triunfo, um simulacro do inesgotável (tendo no fundo a premonição do esgotamento e do tédio).” (STAROBINSKI, 1994: 100) Este tédio encoberto por uma cortina mantém à espreita o terror da solidão, da desilusão, e dos males do tempo.

Por isso, é necessário um *aprimoramento dos hábitos* para que não se perca nos prazeres de fruição. A noção de hábito aqui é de extrema importância, pois o hábito pode trazer prazeres aos homens e é na escolha de como se ocupa o tempo que se encontra a felicidade. Se a vida é entendida como uma sucessão de diversos momentos (HELVÉTIUS, 1989: Sc VIII), é necessário que administremos esses diversos momentos adequadamente e também o intervalo entre eles, para nos mantermos em busca da felicidade. Esse aprimoramento dos hábitos abre passagem aos *estudos, às artes, e ao trabalho*.

É importante ressaltarmos que este caminho não recusa os prazeres sensíveis. Eles são entendidos como *aprimoramento* destes primeiros prazeres que são, para o sensualista, os motores que movem o mundo. É com eles que o homem aprimora seus hábitos sem sucumbir ao tédio, pois eles nos trazem prazeres mais sutis e de providência. O estudo pode, pela aquisição de conhecimento, colocar o homem em um ponto mais seguro e confiante pela obtenção da verdade. O trabalho possibilita a satisfação de necessidades e obtenção de outros prazeres com seu próprio esforço. As artes refinam os sentidos em um prazer mais intenso e duradouro. Se reconhecidas como caminho para a felicidade, estas atividades contribuem para o progresso pelas ciências, para a fruição maior de outros pelas artes, e para o sustento das necessidades e desenvolvimento da nação pelo trabalho, sem gerar ódio, frustração ou ferir os demais.

O caminho das ciências, das artes e do trabalho traz consigo alguns pontos que parecem ultrapassar a felicidade individual. Ele é preferível por ocupar os instantes com prazeres instantâneos e também com prazeres de providência; ele é capaz de aprimorar o indivíduo, que ganhará sua forma de sustento, o poder sobre seu próprio conhecimento e sua expressão. Além disso, este caminho não agride nem os indivíduos nem a nação, pois tais ocupações não trazem felicidade apenas para o indivíduo, mas podem ser compartilhadas auxiliando o desenvolvimento da própria nação.

Agora, o personagem pode atingir a felicidade individual e questionar-se sobre a felicidade pública. Parece que não são caminhos diferentes, paralelos ou transversais, mas formariam um mesmo caminho contínuo, da felicidade individual à felicidade pública. Mesmo assim, Helvétius reconhece que existem muitos impasses para que se reconheça esta verdade. Por quê? Pois se prefere honrar os ambiciosos sedentos de poder e fortuna ao invés de louvar o virtuoso – o que deseja a felicidade geral e a sua própria felicidade. No *Le Vrai sens du système de la Nature* (1777b), a fonte do mal é o erro dos homens sobre o que constitui a felicidade. São os enganos que remetem à felicidade pós-morte e defendem que os prazeres dignos não são conquistados nesse terreno, e só são conquistados com muita modéstia, fervor e recolhimento: são os pais dos vícios entre os homens. Se, destituídos de preconceitos, parassem de perseguir os que saciam suas necessidades e desejos e de louvar os que possuem sangue e poder nas mãos, a felicidade seria acessível a todos os homens e, conseqüentemente, a felicidade pública seria atin-

gida. Além disso, o poder que se concentra na mão de poucos faz com que o interesse individual destes se sobressaia em relação ao interesse público.

É preciso religar os prazeres à virtude, orientando os homens à felicidade. Isto ocorre não de forma abrupta. Em *De l'Homme* (1989), várias vezes é ressaltada a ideia de que a mudança deve ser feita insensivelmente e vagarosamente. Além disso, para ele, não se trata de torcer os prazeres dos homens, mas sim de fazê-los ver que se o todo é feliz, se é mais feliz individualmente. Consequentemente, somos forçados a julgar as ações dos homens pelos efeitos que elas têm sobre os outros: a generosidade, os talentos, a virtude, etc.

Primeira e naturalmente, o homem apenas segue sua própria felicidade. Ele percebe que para ser feliz necessita da aprovação dos semelhantes, e em uma nação bem orientada isso só ocorreria com um homem virtuoso. O homem razoável sente que é de seu interesse ser virtuoso. “A virtude é apenas a arte de fazer feliz a si mesmo com a felicidade dos outros. Ou seja: o verdadeiro fundamento de toda a moralidade. O mérito e a virtude são baseados na natureza humana, as suas necessidades.” (HELVÉTIUS, 1989) Com o reconhecimento desta raiz atrelada à possibilidade de desenvolvimento dos homens, seríamos capazes de conceber que a virtude, o agir para o bem de todos não me impediria de saciar minhas necessidades, mas elas estariam reconhecidas e garantidas nesta postura virtuosa.

Podemos identificar que em Helvétius, para que se conquiste o progresso, deveríamos nos utilizar da tendência do homem para seu aprimoramento e de sua sociedade. Mesmo assim, seriam necessários artifícios para que o interesse individual fosse ligado ao público. Para orientar a nação, a figura do legislador deve fazer com que este caminho natural seja reconhecido por todos. Ele deve ser sensível o bastante para considerar a felicidade pública apenas pela felicidade individual do maior número. Quais são as consequências práticas disto? Considerando a relevância que se dá à forma como se ocupam os momentos, considerando a vida como uma sucessão destes, deve-se ocupá-los com as possibilidades de prazeres diferentes, já não apenas os físicos - os das necessidades como alimentar-se, deitar-se -, mas os de providência - como o trabalho.

Existem dois passos nesta investigação sobre a felicidade: o reestabelecimento da natureza humana que leva ao prazer como guia da moralidade; e o aprimoramento do que se entende como prazer pelo aperfeiçoamento do homem, que o maximiza em ações direcionadas ao bem público. Isso permite a ligação entre a felicidade no âmbito privado e no âmbito público. O aprimoramento do homem se reflete no progresso da nação que será composta de homens mais desenvolvidos, - que têm habilidade para o crescimento e que são sobretudo felizes -, e a honra e o reconhecimento desta verdadeira virtude reflete nos cidadãos o desejo de assim o ser, fazendo com que, segundo Helvétius, seja possível procurar sua própria felicidade sem ser virtuoso.

Se não forem as grandes posses e o grande poder que os homens almejam e se não forem por elas que receberão as honras e o título de virtuosos, ou seja, se for

restaurada a lei da natureza que só encaminha os homens à verdadeira felicidade, os efeitos serão tremendos: serão igualitárias as possibilidades de saciar as necessidades, de se instruir e também serão igualitárias as horas dedicadas ao trabalho para seu sustento. Não haverá os males do tédio dos que tudo possuem, nem os males do esforço desgastante do trabalho exaustivo⁷.

São grandes os efeitos da noção de felicidade para a moral e a política colocadas aqui: trata-se de louvar a felicidade como obtenção de prazeres para tornar a moral realizável e acessível a todos. Trata-se de aproximar os prazeres da virtude para que louvemos apenas o que torna os homens felizes em geral, e não o que pode torná-los viciosos. A felicidade nos dá um vislumbre não abrupto entre indivíduo e nação. Ela aparece no horizonte das ideias ligadas ao progresso⁸.

A felicidade de todos é reconhecida como o próprio progresso da nação, pois esta nação só pode ser entendida como um conjunto de indivíduos, e é à vontade destes que o avanço da nação deve se reportar. Se a felicidade é atingida quando conseguimos ocupar-nos agradavelmente, o maior interesse do Estado é o de que seus cidadãos sejam capazes de fazê-lo. A felicidade possui então como grande efeito na moral e na política de Helvétius uma *organização social*, dos ambientes e dos hábitos dos moradores de determinada nação que possibilite que a maioria das pessoas ocupe seu tempo de forma agradável.

A busca pela felicidade é uma lei universal. O prazer e a dor sensíveis são apenas o primeiro aparecimento dela, que são aprimorados, mas nunca deixados de lado, nem mesmo nas constituições de legislações. É pela mesma via pela qual procuram saciar suas necessidades que os homens devem procurar a felicidade. Não há contradição entre prazeres, virtude, e verdadeira felicidade. Com a ligação da felicidade às necessidades, o sensualismo não nos leva à fruição extrema e nos dá outro panorama para entendermos prazer e dor. A felicidade que cabe à humanidade é a verdadeira quando se percebe como se pode obter mais prazeres ao desejar o bem geral, que se atinge através da virtude e do verdadeiro caminho para a felicidade.

Há então um grande acréscimo que a noção de felicidade traz para a caracterização do âmbito social proposto por Helvétius, com uma moral e política embasadas na natureza humana. A noção de felicidade tem um papel extremamente importante que não se concentra no âmbito individual e pretende pertencer a todo e qualquer campo, no sentido de que é fim não individual, mas deve ser tido como

⁷ Segundo Jules Delvaille, em *Essai sur l'histoire de l'idée de progrès jusqu'à la fin du XVIIIe siècle*, de 1910, para Helvétius, há a necessidade de igual ocupação entre os homens para a felicidade geral, pois o opulento que não se ocupa de conseguir seus bens é infeliz pelo tédio e o trabalhador que muito se esforça por pouco é infeliz pelo trabalho demasiado. Ele ainda comenta a simpatia de Helvétius por pequenos Estados não opulentos, pois neles se encontrava mais sabedoria em uma administração de um Estado que aspira à felicidade. Por isso, ao pensarmos em uma nação, é feliz aquela que tem seus habitantes com um emprego do tempo que não os deixe à mercê do tédio e nem exaustos pelo trabalho. (DELVAILLE, 1910)

⁸ Helvétius é: “um partidário do progresso. Com efeito, encontramos em suas diversas obras uma teoria do progresso, se consideramos o passado da humanidade e também um conjunto de considerações relativas à possibilidade de assegurar a felicidade dos homens e de realizar um melhor estado social” (DELVAILLE, 1910: 637. Tradução nossa).

fim geral, moral, político, educacional (de instrução), legislativo, e em certo sentido, deve ser tomado como um fim universal.

Então, chegamos à resposta sobre onde podemos encontrar a felicidade, que pretende unir a busca dos prazeres sensíveis a uma preocupação com a felicidade do outro, e conseqüentemente com a da nação: a felicidade pretendida deve procurar o caminho que agrega o prazer sensível, o prazer do estudo e o prazer da ocupação em uma regulação, para que a felicidade seja alcançável para todos. E tal é a conclusão do personagem do poema que se encontrava em meio ao mar de tédio:

Companheira de virtudes, nobre verdade,
Instruído por suas lições, guiado por sua luz,
O homem aprende de ti que é o prazer mesmo.
A alma do universo, o dom de um Deus supremo,
Que será encontrada, longe dos ciúmes mortais,
Sua felicidade pessoal na felicidade todos.
(HELVÉTIUS, 1777: Canto VI. Tradução nossa.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

DELVAILLE, J. *Essai sur l'histoire de l'idée de progrès jusqu'à la fin du XVIIIe siècle*. Thèse présentée à la Faculté des lettres de l'Université de Paris, 1910.

EHRARD, J. *L'idée de nature en France à l'aube des Lumières*, Paris, Flammarion, 1970.

HELVÉTIUS, C-A. *De l'Homme*. Paris: Fayard. 1989.

_____. Le Bonheur. In : *Oeuvres complètes de M. Helvetius*. Tome premier [-quatrième]. 1777a.

_____. *Le vrai sens du système de la Nature*. In : *Oeuvres complètes de M. Helvetius*. Tome premier [-quatrième]. 1777b.

STAROBINSKI, J. *A invenção da liberdade: 1700-1789*. São Paulo: Edunesp, 1994.